

Resenha: Anton Reiser, um viajante em torno de si mesmo

LUANA FÚNCIA

MESTRANDA EM ESTÉTICA NO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA USP

MORITZ, Karl Philipp. *Anton Reiser: um romance psicológico*. Tradução de José Feres Sabino; posfácio de Márcio Suzuki. 1.ed. São Paulo: Carambaia, 2019.

(...) e não há também homens que, privados de tal forma o sentimento da vida, chegam e consideram toda a vida e a própria natureza dos mortais um nada, uma existência atormentada, semelhante ao pó?

Goethe¹

O lançamento da tradução da obra *Anton Reiser* (1785-1786), da autoria de Karl Philipp Moritz (1756-1793), filósofo e romancista, por José Feres Sabino possibilita um acesso aos leitores de língua portuguesa a essa obra clássica da literatura alemã e reacende os debates sobre ela. Sob o ponto de vista dos estudos de Filosofia, trata-se de uma obra que possibilita entrever a intersecção entre Arte e Psicologia no campo da Estética Filosófica.

¹GOETHE. Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhem Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 9.

É preciso dizer que, em língua portuguesa, já havia tradução de parte do livro *Viagem de um alemão à Itália*², no qual se percebe a relação de amizade existente entre Moritz e Goethe, mutuamente influenciadora de seus respectivos romances acerca da Itália, bem como refletidos nos romances de formação de cada qual. Assim, dada a relação entre *Anton Reiser* e *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, optou-se por utilizar como epígrafe deste texto um excerto do livro de Goethe.

Diversos ferramentais de interpretação foram mobilizados neste artigo para que fosse possível transbordar a análise filosófica do romance para além de seus textos, o que possibilita não só ter não uma perspectiva interdisciplinar da obra, como, a um só tempo, ter uma leitura que ganha corpo e também que se utiliza de maneira contextualizada de conceitos filosóficos, a serviço, portanto, da busca de uma chave de leitura aprofundada do romance.

Quanto ao conteúdo propriamente dito dos acontecimentos romanescos, compõe-se uma autobiografia que faz um percurso da infância até a juventude de um rapaz alemão do século XVIII, chamado Anton Reiser. De tendência melancólica e com imaginação fantasiosa, ao jovem sobrevêm constantes frustrações, desde os problemas de relacionamento de seus pais, que tornam seus primeiros anos de vida miseráveis, até a passagem para a vida adulta, marcada pela penúria e a miséria também de caráter espiritual pelos maus-tratos a que é submetido pelos membros da sociedade na cidade em que mora e estuda, onde não tem habitação fixa, residindo e recebendo alimentos mediante troca de favores com mesquinhos habitantes locais. À monotonia de sua vida cotidiana, na qual muitas vezes tem como companheiros fome e desespero, contrapõe-se sua imaginação, que, influenciada por leituras diversas e a frequência ao teatro, torna-se um antídoto que o permite sobreviver em um contexto tão socialmente árido.

Quanto ao desenrolar do romance, a riqueza de detalhes sobre o cotidiano do jovem – sempre acometido da certeza de que seu destino lhe é desfavorável – ganha grande interesse à medida em que esses fios se entrelaçam em um conjunto que pode manifestar o estado psicológico da personagem em distintos contextos.

² MORITZ, Karl Philipp. *Viagem de um alemão à Itália: 1786-1788: nas cartas de Karl Philipp Moritz*. Tradução de Oliver Tolle. São Paulo: Humanitas Editorial. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

Destaque-se que a própria tradução do sobrenome da personagem “Reiser”, que é mais propriamente uma alcunha que sobrenome, tem como correspondente em língua portuguesa o adjetivo “viajante”. Essa escolha de adjetivo é intencional, conforme atesta a seguinte passagem do livro: “Essa foi então a primeira viagem romanesca singular que Anton Reiser fez, e, a partir daí começou realmente a fazer jus a seu nome com ações.”³

Por outro lado, ao contrário do que seria de se imaginar, o livro não é um relato de viagem pelo mundo exterior, embora haja nele também descrições de viagens empreendidas, dentre as quais a mais importante é para Erfurt, por razões que adiante nesse artigo serão esclarecidas.

Portanto, a proposta de Moritz é a leitura do viajar interior mais que uma percepção da exterioridade que caracterizaria um retrato escrito de um percurso percorrido no espaço e no tempo. Essa é também a percepção de Meister, conforme afirma em: “É possível que a viagem que planejo fazer modifique meu modo de pensar”.⁴

Deve-se também dizer que Moritz assume, em uma passagem, o fato de ser este um romance psicológico de caráter autobiográfico: “Este romance psicológico poderia também ser eventualmente intitulado biografia, porque as observações são em grande parte tiradas da vida real.”⁵ A partir disso, poder-se-ia intitular, então, esse artigo como “Anton Reiser, um viajante em torno de si mesmo”.

Trata-se, assim, como propõe o subtítulo dado pelo autor, de um “romance psicológico”, em que Moritz aborda, com grande detalhamento os acontecimentos e os respectivos estados de humor oscilantes em função do acaso das circunstâncias de vida, da infância e da juventude de Anton Reiser, até aproximadamente seus 20 anos, imprecisão de datação de idade dado pelo próprio caráter que a obra assume, como se fora ter continuidade no percurso de escrita da trajetória biográfica.

Compõe-se um enredo de busca constante de fuga, em primeiro momento, da opressão do contexto familiar. É muito forte no romance e deve ser destacada

³ MORITZ, Karl Philipp. *Anton Reiser: um romance psicológico*. Tradução de José Feres Sabino; posfácio de Márcio Suzuki. 1.ed. São Paulo: Carambaia, 2019, p. 356.

⁴ GOETHE, 2006, p. 54.

⁵ MORITZ, 2019, p. 8.

a expressão segundo a qual Reiser foi pelos pais “oprimido desde o berço”⁶.

Destaque-se também a origem das desavenças entre os pais de Anton na afeição de seu pai pela doutrina de Madame Guyoun acerca da mortificação de todas as paixões, inclusive as ternas e meigas, acompanhada de uma completa saída de si mesmo. Dava-se, então, um desprezo do pai pela mãe por questão teórico-religiosa, portanto, como diz Reiser, por “um árido fanatismo metafísico”⁷. Nesse sentido, sobre Reiser sentia-se o “peso” dessa relação de desprezo, conforme mostra, por exemplo, a seguinte passagem: “Quando entrava na casa dos pais, entrava numa casa de insatisfação, de ira, de lágrimas e lamentos.”⁸

É nesse contexto de enredo de fuga à opressão que se inserem os relatos de viagem do livro Anton Reiser. Assim, os elementos psicológicos de um percurso de infância e juventude da personagem denotam um sofrimento interior atroz. Trata-se, como que uma demonstração de tese, de que a miséria humana em muito ultrapassa a penúria material, principalmente em situações em que o sujeito se encontra assujeitado a ambas situações.

Para uma compreensão das condições repressivas a que estava submetido Anton Reiser, não se pôde deixar de lê-las na perspectiva de um jovem reprimido, que a todo tempo é autoindulgente na medida em que não busca transformar sua personalidade em uma dinâmica de plasticidade psíquica que permitisse uma melhor adaptação ao ambiente inóspito em que se encontra. Ao contrário, a culpabilização por consequências de fatos pelos quais não teve responsabilidade alguma é constante e o induz a um estado de profunda angústia consigo mesmo.

Exemplo disso é o próprio exercício básico de sobrevivência, tornado um drama psíquico com a marcante expressão “comer pão com lágrimas”, na medida em que o pão não alimenta o corpo físico e as lágrimas em muito ampliam a miséria da situação de escassez de alimento.

Há também, com clareza, a apresentação de temas que serão caros ao surgimento posterior da Psicanálise, como o enredamento que se poderia agora dizer, sem risco de incorrer em anacronismo, de relação neurótica diante da organização burguesa da família, neste caso do romance, já em Berlim do século XVIII.

⁶ Ibidem, p. 16.

⁷ Ibid., p. 13.

⁸ Ibid., p. 16.

A angústia, a baixa autoestima e a autculpabilização constantes, portanto, presentes nas páginas do livro se expressa como resultado daquilo que o narrador denomina “acazos” cotidianos, os quais acabam por produzir grandes repercussões em termos de sofrimento psíquico da personagem. Trata-se da manifestação de fios de encadeamento de ações e relações passadas no presente, o que parece, aos olhos de Reiser, condenado à repetição e, assim, ao fracasso em sua existência. Nesse sentido, a crença que apresenta em Deus contradiz a angústia dos acontecimentos cotidianos, em que tem a percepção de um constante desfavorecimento de si.

À penúria, que tem caráter de falta de itens básicos de sobrevivência, se adiciona a miséria do estado psicológico daquele que, inclusive, não tem esperança de que sua vida realmente possa melhorar e, assim, nutre na vida da imaginação sonhos completamente irrealis.

Nesse sentido, à medida em que Anton toma a decisão de sair de sua terra natal, palco de inúmeros sofrimentos, parcialmente devidos a uma sensação exacerbada provada pelas afecções exteriores, tendo em vista sua grande sensibilidade artística, o romance toma forma e ganha a dimensão de uma interessante aventura de juventude. Deve-se dizer que, mais que uma viagem pela exterioridade das paisagens, parece que Anton Reiser empreende uma viagem interior, ao escrever sobre tais episódios depois de vivê-los e, afinal, não é também uma viagem a viagem que cada um faz em torno de si mesmo?

Tendo em vista a relação entre miséria e penúria como estados de espírito e não somente como decorrência de situações materiais de existência, o fato de a miséria do jovem ser muito maior que sua penúria, ou seja, o estado psicológico lastimável em que se encontra em grande parte do romance, sem dúvida, decorre de seus poucos recursos financeiros, mas sua miséria parece ser mais de espírito, como que correlata à sua condição material de existência. Explique-se: a pobreza em que a personagem se encontra materialmente produz em seu espírito tristeza tamanha que as marcas daquela decorrentes em muito se amplificam, tornando-a amargurada e certa de um destino fadado ao fracasso.

Haveria, então, certa relação entre miséria psicológica e sensibilidade artística. Por outro lado, com o impulso vocacional direcionado por sua paixão em relação ao teatro, Anton Reiser vive uma das diversas dualidades que povoam o livro. Di-

vidido não só entre a possibilidade dos estudos em Erfurt e a realização da vocação teatral, mas também entre uma vida interior imaginária povoada de personagens romanescos e uma dura realidade de penúria total. Uma das passagens do livro mais marcantes é justamente aquela, já mencionada, em que a personagem afirma estar a comer pão com lágrimas (citação original: “comer seu pão literalmente com lágrimas”⁹), o que manifesta o caráter dramático de um romance permeado por passagens de culpa, comiseração e falta de crença no potencial de si.

Uma explicação para que as afecções produzidas pela impressão na alma em função da pobreza sejam dessa magnitude é sua sensibilidade, expressa na atividade poética. O sofrimento impingido pela poesia seria tal que há no livro um excerto sobre os sofrimentos da poesia.

Esses sofrimentos, por sua vez, estão relacionados com uma personalidade que na juventude tem paixão pelo teatro, como se dá também, como se mencionou antes, em *Wilhem Meister*, o romance de formação de Goethe.

Quanto a Reiser, especificamente, a personagem leva às últimas consequências tal demanda vocacional. Há também uma situação de vida dupla, qual seja, composta por uma situação idealizada e aquela realmente vivida. Trata-se de um idealista, no sentido filosófico, herdeiro dos aprendizados que têm na primeira juventude, e, por decorrência de impressões sofridas incutidas cedo na vida de seu espírito, não cede espaço à vivência do cotidiano, com suas frustrações e pequenas alegrias características. Antes pelo contrário, o estado de angústia deve-se a uma vida idealizada que não corresponde às possibilidades reais de efetivação de seus planos.

É nesse contexto que a paixão pelo teatro aparece para a personagem como possibilidade não só de um esquecimento temporário de si, mas também enquanto manutenção da vida dupla que lhe é tão característica, que fica cindida entre as idealizações nutridas e expressas também nos papéis encenados nas peças teatrais e a vida concreta totalmente miserável.

Reflexo direto dessa vida dupla se encontra na referida paixão pelo teatro manifesta pelo jovem, dado que a atuação em teatro não é senão idealizada, no sentido de que se deixa de viver temporariamente a própria vida em nome da encarnação de gestos e palavras alheios, o que é para Reiser verdadeiramente um

⁹ *Ibid.*, p. 115.

bálsamo, bem como o esquecimento de si característico não só do teatro, mas das idealizações, divagações intelectuais e também do sono.

Quanto às linhas de força negativas que parecem necessariamente levar a vida de Reiser ao fracasso, a personagem as identifica, de forma não tão direta quanto aqui se enuncia essa percepção, na própria composição da psiquê da personagem, buscando nesse emaranhado de fios de acontecimentos de sua existência fazer com que surjam explicações para uma vida de intenso sofrimento psíquico. Assim, Reiser crê que aquilo que pareça insignificante tome grandes proporções e se torne importante.

Essa busca de elementos e fatos simples da infância que desencadeiam importantes efeitos psíquicos torna o romance de Moritz visionário, não só no sentido de ser autobiográfico, procedimento que não ocorria como característica romanesca no contexto histórico de que faz parte, como também faz do escrito uma antevisão da Psicanálise então vindoura, um século depois, datada do início do século XX.

A pesquisa pelas origens do sofrimento psíquico do sujeito em sua própria história pessoal, a exemplo dos episódios esquecidos da infância, é uma intuição que só será aplicada de forma ampla, portanto, 100 anos depois do romance de Moritz. Ao apresentar Anton Reiser, portanto, enquanto um detalhamento dos episódios cotidianos infantis e de juventude e as correlatas oscilações no humor e no modo de perceber o mundo em graus de pessimismo, Moritz possibilita uma visita à vida de um viajante, um viajante em torno de si mesmo.

O fato de a personagem colocar em perspectiva distanciada a própria angústia se dá justamente no momento do romance em que ela decide deixar para trás as memórias de uma vida sofrida, em nome de uma peregrinação cujo ponto culminante é Erfurt, local em que, inclusive, se passam as cenas decisivas de uma criação profícua de autoestima e da visão de que são contingentes os eventos que pareciam sistematicamente ocorrer contra sua vontade. Entrevê, ao menos, serem esses eventos produtores de amargura em si obra do acaso, mais que um destino pré-fixado ao fracasso como acreditou em momentos de sua infância e adolescência. De fato, pode-se entender que a atribuição de culpabilidade a si por situações pelas quais não tem responsabilidade direta é fonte de grande sofrimento a Reiser.

Em Erfurt, além da continuidade do interesse pelos estudos e pela escrita poética, há um dilema sobre a vocação para o teatro, que o narrador afirma ser, no final das contas, uma intuição equivocada de Anton Reiser. Acertada ou não a inclinação da personagem e tendo em vista a interpretação possível de que Reiser seja um alter ego do próprio Moritz, é certo que do sofrimento psíquico decorreram belas páginas literárias. Se a vocação teatral seria realizada com sucesso, termina-se o romance sem saber, porque, afinal, o romance se finaliza como se fora continuar, como infindo, tal como é a própria continuidade da vida de Moritz ao escrever essas memórias sob seu alter ego Anton Reiser.

Sobre a questão da vocação, vale dizer que o narrador da obra faz referência à crença de que haveria de fato aqueles que deveriam se dedicar à Arte, por talento, e aqueles que dela deveriam desistir. Inclusive, coloca-se no capítulo como um alerta aos educadores, para que, tomando como exemplo a suposta falta de gênio artístico de Anton Reiser, identifiquem e aconselhem os não dotados de tal propensão a abandonarem a carreira.

Nesse mesmo sentido, há também trechos no romance sobre aquilo que poderíamos denominar como sendo o “perigo da poesia”. Trata-se de interessante abordagem no romance acerca da suposição do narrador de que a trágica vida de Reiser estaria atrelada à sua expressão poética, inclusive na própria tendência à escolha de temáticas relacionadas, por exemplo, ao caos, ao nada, turbilhões que não poderíamos, supostamente, entender senão como representação da perturbação psíquica de Anton Reiser.

Está completo o quadro de um romance de formação, no sentido da “Bildung” da tradição alemã, tradição da qual o exemplar mais conhecido, como se mencionou, é o livro de Goethe, *Os Anos de Aprendizado de Wilhem Meister*, cuja personagem tem também pendor vocacional para o teatro.

E, sem dúvida, quanto aos alertas expressos pelo narrador a respeito de um suposto perigo da escrita poética, bem como de um certo tipo de sensibilidade ou ainda de uma inclinação vocacional destituída de talento, Moritz, no desenrolar da escrita, os nega em totalidade ao expressar seu próprio gênio artístico e incitar seus leitores a desenvolver, também, essas belas habilidades.

Referências bibliográficas

- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhem Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2006.
- MORITZ, Karl Philipp. *Anton Reiser: um romance psicológico*. Tradução de José Feres Sabino; posfácio de Márcio Suzuki. 1.ed. São Paulo: Carambaia, 2019.
- _____. *Viagem de um alemão à Itália: 1786-1788: nas cartas de Karl Philipp Moritz*. Tradução de Oliver Tolle. São Paulo: Humanitas Editorial. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

